

# PIEADA FILIAL

Artur Azevedo

O Brochado veio rapazito para o Rio de Janeiro e saltou aqui com o pé direito, porque arranhou logo emprego, e dois anos depois estava primeiro caixeiro, com magnífico ordenado e caderneta na Caixa Económica.

Considerava-se feliz; só uma coisa o afligia: as saudades do pai, que deixara na aldeia.

Um dia em que, passando por uma loja da Rua do Ouvidor, viu exposto um retrato a óleo, lembrou-se de mandar pintar o do velho, a fim de pendurá-lo defronte da cama. Não podendo ter perto de si a pessoa, teria ao menos a imagem de seu pai!

O Brochado informou-se da residência do pintor e foi ter com ele.

- Vinha pedir-lhe que me pintasse o retrato de meu pai.

- Com todo o gosto.

- Mas não queria coisa que me custasse mais de trezentos mil-réis. ~ quanto posso pagar.

- Está dito! Esse não é o meu preço, é muito barato; mas como o senhor não pode pagar mais, paciência! Onde está o senhor seu pai?

- Em Portugal.

- Ah! está ausente? É pena, porque não gosto de fazer retratos senão diante dos respectivos modelos. Enfim, como não há remédio...

- Faz o retrato?

- Faço. Queira mandar-me a fotografia.

- Que fotografia?  
- Do senhor seu pai.  
- Não tenho.- Ah! não tem fotografia? Tem então um desenho?  
- Que desenho?  
- Um retrato qualquer do senhor seu pai.  
- O retrato vai o senhor fazer-mo.  
- Mas o senhor não tem outro, do qual eu possa copiar o meu?  
- Não, senhor; se eu tivesse o retrato de meu pai, não lhe encomendava outro; bastava-me um!...  
- O senhor supõe que eu seja um telefotógrafo?  
- Um quê?  
- Como quer o senhor que eu faça o retrato de uma pessoa que não conheço, que nunca vi, e que não está presente?  
- Dar-lhe-ei todas as informações necessárias.  
O pintor compreendeu então que espécie de homem tinha diante de si e logo pensou em não perder os trezentos mil-réis que estavam ganhos.  
- Pois bem - disse ele - vamos às informações...  
- Meu pai chama-se Francisco Brochado.  
- O nome não é preciso.  
- É viúvo.  
- Adiante.  
- Tem coisa de cinqüenta anos. É alto, magro, barbado, louro, e corta cabelo à escovinha. Eu pareço-me com ele.  
- É quanto basta - disse o pintor. - Daqui a três dias pode mandar buscar o retrato.  
O Brochado Filho saiu, e no dia aprazado lá estava em casa do artista.  
- Ali tem seu pai! - disse este apontando para um retrato que estava no cavalete.  
O Brochado aproximou-se, teve um gesto de surpresa e levou muito tempo a olhar para a pintura.  
Depois, as lágrimas começaram a deslizar-lhe pela face.  
- Que tem o senhor?... Por que chora? - perguntou o pintor.  
E o pobre diabo, com a voz embargada pelos soluços, exclamou:  
- Como meu pai está mudado!...